



TEST DRIVE



João Velho

EDIÇÃO DE VÍDEO AO CUBO

VIDEOCUBE 1.3

ImMIX

Preço: (EUA) US\$ 42.500/
49.500 (versão Plus)

Na *MACMANIA #5*, fizemos uma matéria extensa sobre Desktop Video, mas deixamos de fora um equipamento importante, o VideoCube, da ImMIX, que agora conta com um revendedor no Brasil, a Phase. A edição não-linear de vídeo online, com qualidade broadcast (pronta para ser colocada no ar por uma emissora de TV), sempre foi um desafio para a tecnologia baseada em computadores e discos. A ImMIX ajudou a romper essa barreira com o VideoCube, um sistema de edição completo, com geração de caracteres e efeitos digitais em 2D, mixagem e equalização de quatro ca-

nais de áudio estéreo, totalmente *plug-and-play*.

O VideoCube é constituído basicamente de um Mac e um processador de áudio e vídeo acoplados. A versão simples vem com um Power Mac 7100 (com 12 Mb de RAM, CD-ROM e disco de 250 Mb), um monitor RGB 14", o Media Processor (o cubo propriamente dito), um monitor NTSC 14" e duas caixas de som Bose. Na versão Plus, o Power Mac traz mais um monitor RGB de 20", uma placa gráfica 24 bits e 32 Mb de RAM e o monitor NTSC é substituído por um modelo de 20".

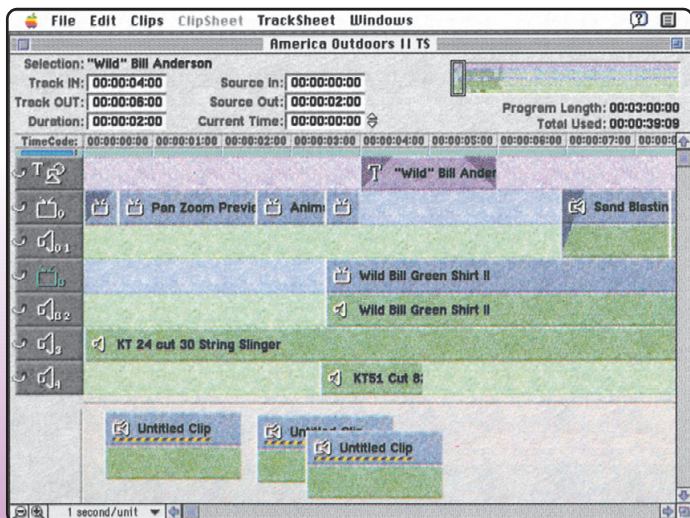
Dentro do cubo, encontram-se três discos: dois de 2.6 gigabytes para guardar uma hora de vídeo (1 disco para cada campo de vídeo) e um de 600 Mb para duas horas de áudio estéreo, de qualidade comparável à de CD. Hard disks em módulos externos podem au-

mentar a capacidade de armazenamento do sistema, com até sete unidades adicionais, com a mesma configuração do módulo interno. O preço é salgado: US\$ 9.000 (EUA) cada uma. No VideoCube, o Macintosh é usado principalmente para controlar o cubo via SCSI e gerar caracteres. Para essa última função, ele recebe uma placa gráfica em um dos slots internos. Com relação ao software, que inclui a interface gráfica com o usuário, foi experimentada a versão 1.3 do programa controlador do sistema, a terceira distribuída pela ImMIX em 1994, ainda rodando no modo emulado para o PowerPC. Uma revisão completa do produto deverá ser lançada na feira da NAB (*National Association of Broadcasters*) de 1995, por volta de abril.

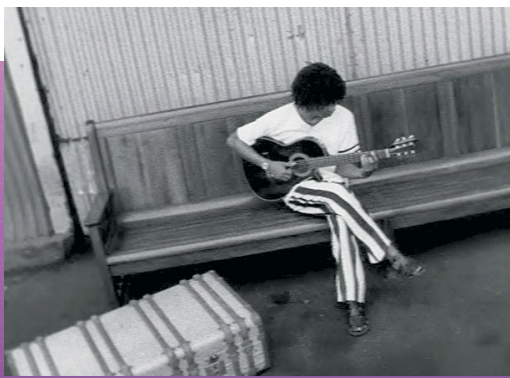
A qualidade excepcional da imagem e a execução em tempo real de quase todas as suas funções são as principais virtudes da máquina e a tornam um objeto do desejo em potencial para qualquer profissional de vídeo. A placa principal do cubo tem dois chips RISC: um para executar as funções de armazenamento e leitura e outro só para efeitos.

A edição é feita de forma bastante amigável e interativa e os efeitos são ajustados *on the fly*. Controles de transformação e correção da imagem, *border*, *keyer* (crominância/luminância/alpha), *wipe* e áudio produzem efeitos dinâmicos por meio de interpolação entre um clip e outro. O painel de controle – com Jog/Shuttle, quatro sliders para as trilhas de áudio estéreo independentes e mais um slider para o master de áudio – acaba se tornando o principal aliado do editor. Design e funcionalidade fazem dele uma ferramenta familiar, dinâmica e agradável de se usar. O ajuste de corte fica bem prático e os recursos de *split edit*, assim

como a mesma configuração do módulo interno. O preço é salgado: US\$ 9.000 (EUA) cada uma. No VideoCube, o Macintosh é usado principalmente para controlar o cubo via SCSI e gerar ca-



No Track Sheet, são definidos cortes e efeitos de transição



Clip "Sem Saber", de Djavan, finalizado na PostPoint.



"O FUTURO É DIGITAL"

A PostPoint é uma produtora de vídeo de São Paulo que aderiu ao VideoCube. Além de produzir videoclips e vídeos institucionais, a produtora pretende em breve veicular comerciais editados online no sistema. "A perda de qualidade é muito subjetiva. A compressão do VideoCube dá à imagem uma textura diferente, que em alguns casos pode ser utilizada como efeito", diz Stefano Deho, diretor da PostPoint.

Segundo Deho, com a utilização de uma placa que permite a entrada e saída de vídeo componente (hardware opcional que custa US\$ 3.900), o VideoCube garante uma qualidade de imagem superior à de algumas ilhas

beta. "O VideoCube da ImMIX é o mais Macintosh dos sistemas de edição não-linear e tem uma qualidade de imagem muito superior à de outros produtos", diz Deho. "Isso não quer dizer que não investiremos em outros sistemas, como o da Avid. Já deu para perceber que cada um tem seus pontos altos e baixos e que para cada tipo de trabalho há um equipamento adequado. A VideoMachine, por exemplo, deu um salto de qualidade enorme nos últimos tempos. Não há melhor maneira de recompensar um avanço desses do que comprar um equipamento deles. A única coisa em que eu não vou investir mais é na edição analógica. O futuro é digital."

como a mixagem em playback feita manualmente pelos sliders, são dignos de menção honrosa.

Uma espécie de processador de texto sobre a imagem gera e posiciona os caracteres do VC, num processo não muito adequado, incompatível com fontes PostScript. Esse é um dos pontos mais fracos do VC. Em compensação, a versão 1.3 propicia os efeitos de entrada de texto em *crawl*, *roll*, *push* e *reveal*, juntando-os aos antigos recursos de sombra e anti-alias.

A conversão de clips do cubo para arquivos QuickTime foi pensada para obter novos efeitos em software de terceiros, mas ela acaba sendo lenta e pouco eficaz. Nessa hora, quanto mais RAM melhor. Essa viagem poderia ser mais bem resolvida com a inclusão de filtros e efeitos 3D no VideoCube.

AINDA FALTA COISA

Fica a impressão de que ainda há recursos para acrescentar no VC. O sistema oferece apenas a exportação de EDL (*Editing Decision List*), ainda assim exclusivamente no padrão CMX 3600, incompatível com as ilhas Sony, por exemplo. Se o usuá-

rio quiser importar EDL ou terminar um projeto de edição em um outro equipamento de finalização, poderá ser forçado a procurar softwares de conversão ou fazer adaptações.

Sequências de animação só podem ser importadas via QuickTime. Uma solução meio enviezada é dar saída em fita no equipamento de animação e entrar no cubo como vídeo. Outra coisa que falta ser implementada: os efeitos customizados deveriam poder ser copiados ou memorizados para reprodução mais adiante.

Decididamente o sistema foi projetado para a auto-suficiência, ou seja, começar e terminar um projeto, sem precisar sair do cubo. O hardware é bom e o sistema consegue fazer bastante bem o que se propõe. Com

certeza, é um equipamento mais do que promissor, que já ocupa lugar de destaque no seu mercado, mesmo usando uma técnica única. A TV Manchete usa o VideoCube para fazer todas as chamadas da programação. Mas a verdade é que o sistema pode melhorar, especialmente o software. Aliás, como quase todos os seus concorrentes. €

Phase: Tel.: (021) 580-5688
Fax: (021) 580-7617



No Clip Sheet, você guarda os pedacinhos do seu vídeo